

## Entre realidade e sonhos: Educomunicação e Identidade na comunidade do Gengibre <sup>1</sup>

Lyzlane Silva Vasconcelos<sup>2</sup>  
Ozângela de Arruda Silva<sup>3</sup>  
UniFanor- Wyden, Fortaleza, CE

### Resumo

O artigo pretende apresentar como a ação “Varal dos Sonhos”, realizada na comunidade do Gengibre pelo Programa Interdisciplinar de Extensão Universitária Bons Vizinhos, consolida-se como uma prática educacional, dialogando com os conceitos de Identidade e Comunidade, bem como, apropriando-se das ideias da mídia radical ao promover diálogo, liberdade de expressão e inclusão social. Na construção do trabalho, utiliza-se as abordagens de Paulo Freire, Ismar Soares, Raquel Paiva e John Downing como bases para analisar os aspectos da atividade prática realizada, entendendo-a como uma mobilização social que reflete a realidade da vida comunitária na construção da identidade.

**Palavras-chave:** educomunicação; identidade; comunidade; Gengibre; mídia radical

### Introdução

Tendo como base os princípios do pedagogo Paulo Freire, a educação pode ser definida também como uma forma de comunicação, já que o processo educacional é mais do que a transferência de saberes, é um encontro de sujeitos que buscam a significação dos significados (FREIRE, 1979).

Paulo Freire (1987) afirma que seria impossível constituir o aprendizado sem o diálogo e que não há sujeitos passivos no processo comunicacional, pois todos são capazes de contribuir para a discussão de temas ou ações. Tanto educadores, quanto educandos são sujeitos ativos na relação de construção de saberes, signos e significados.

Embora sejam áreas diferentes, a Educação e a Comunicação podem caminhar juntas em atividades de mútuo compartilhamento de experiências e construção de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da UniFanor Wyden, e-mail: lyzlane@outlook.com

<sup>3</sup> Professora orientadora. Historiadora. Mestre pela UNICAMP. Professora da UniFanor Wyden, e-mail: ozangela.silva@unifanor.edu.br

---

conhecimento. Trabalharemos aqui com proximidade das duas áreas a partir do conceito de Educomunicação. Com a junção desses dois campos de estudos, é possível realizar atividades baseadas nos meios de comunicação e na intervenção social, construindo, assim, uma estrutura de diálogo e mobilização entre os sujeitos sociais analisados.

O movimento trazido pela Educomunicação revela um caráter interdisciplinar que quebra os valores normativos da educação tradicional expositiva, utilizando novas formas de educar, promovendo a livre expressão e a luta pela liberdade da palavra nos espaços educativos (SOARES, 2014). Tal área, segundo Palazzo (2010), não é uma metodologia fechada, mas um conjunto de metodologias que auxiliam na autonomia de jovens e adolescentes por meio do acesso ao direito à comunicação.

Entende-se que a educomunicação é um meio também de cidadania, de inclusão, podendo causar um grande impacto social nas comunidades, criando momentos de criticidade e construção dos meios de comunicação e do social, além de proporcionar uma base reflexiva para que participantes possam se posicionarem, terem voz e se entenderem dentro da sociedade, ou seja, para que possam se perceber enquanto sujeitos históricos e sociais com identidades em construção a partir da comunidade/ambiente e das histórias de vida/cotidiano. Assim, Soares (2014) afirma que no campo de atuação da educomunicação há uma preocupação pela democratização do acesso à informação para a formação de valores solidários e democráticos, visando a transformação do ambiente em que vivem crianças, jovens e adultos.

Para analisar a prática educacional aliada a identidade, o objeto escolhido para ser desenvolvido no estudo é a oficina realizada com objetivo de instigar crianças da comunidade do Gengibre<sup>4</sup> a desenvolverem um olhar crítico sobre o ambiente em que vivem e a se autoconhecerem para identificar seus objetivos para o futuro por meio da criatividade e contato com o espaço. Na atividade lúdica, os participantes desenharam seus sonhos e o que desejam para sua comunidade. A atividade foi produzida em uma folha de papel dobrada ao meio, fazendo referência a páginas de um livro. Depois de produzidos, os desenhos foram pendurados em um barbante formando um varal estendido dentro do espaço “Conviva”<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> A comunidade do Gengibre está localizada em Fortaleza (CE), no bairro Emanuel Dias Branco, no entorno da UniFanor Wyden.

<sup>5</sup> O Conviva é um ambiente que se assemelha a uma pequena praça. É um terreno pequeno, entre casas, que foi reformulado pelos extensionistas do Programa de Extensão Bons Vizinhos em parceria com as crianças do Gengibre. O ambiente foi pensado para sociabilização dos moradores e para a promoção das atividades do Programa de Extensão.

---

A ação “Varal dos Sonhos” foi realizada pelo Programa Interdisciplinar de Extensão Universitária Bons Vizinhos, ligado ao Centro Universitário Unifanor| Wyden. A iniciativa é formada por equipes de vários cursos de graduação que realizam atividades conjuntas, com ênfase no compromisso social, ético e político, junto ao Gengibre, comunidade localizada no entorno do Centro Universitário. Criado em 2012, o programa inicialmente desempenhava ações voltadas para a saúde coletiva, com passar dos anos começou a desenvolver trabalho interdisciplinar e atualmente engloba os cursos de psicologia, educação física, comunicação social, direito, arquitetura e urbanismo, enfermagem, nutrição e fisioterapia para trabalharem na comunidade do Gengibre que fica na circunvizinhança do Unifanor.

O Bons Vizinhos atua no como facilitador no desenvolvimento de agentes transformadores na comunidade. As atividades são idealizadas por eixos interdisciplinares que semanalmente discutem, planjam e executam ações sociais para serem realizadas aos sábados, na comunidade ou dentro da Universidade. Além disso, o programa viabiliza aspectos da teoria e da prática discente, os integrantes do Programa trabalham com proatividade, autonomia e responsabilidade, vinculando ensino, pesquisa e extensão.

Sendo assim, o objetivo do artigo é analisar como a atividade “Varal dos Sonhos”, realizada com as crianças do Gengibre, consolida-se como uma prática de educomunicação e engloba os aspectos de identidade se assemelhando também a uma mídia radical na promoção do diálogo, da liberdade de expressão e da inclusão social.

### **Referencial teórico**

A junção entre comunicação e educação começou a ser discutida na América do Sul em 1960 devido a um grande movimento que englobou a América Latina em um todo e que ganhou força em 1970, quando pesquisadores começaram a perceber a importância da comunicação para a sociedade e reconheceram que esse meio também contribui para a formação dos indivíduos. Ismar Soares (2002) explica que a educomunicação é:

O conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim a como melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso

---

dos recursos da informação no processo de aprendizagem. (SOARES, 2002, p. 24).

Nesse sentido, o campo de estudo quebra com os normativos da educação tradicional e reinventa novas formas de educar promovendo o compartilhamento de saberes em um contexto interdisciplinar que se preocupa com o eixo das relações comunicacionais entre pessoas e grupos humanos (SOARES, 2011). Ela busca formar os indivíduos para serem autônomos, ativos e refletirem criticamente sobre os meios de comunicação e o ambiente onde vivem. Assim, de acordo com Soares (2011), a educomunicação é capaz de articular sujeitos sociais, é mais que uma teoria sobre inter-relação, é *práxis* social.

Tendo como base tais características, a educomunicação passa a ser também construtora de cidadania, visando a igualdade e o exercício do direito de todos se expressarem e terem livre acesso à informação. Soares (2014, p. 46) afirma que os educadores pretendem “o reconhecimento do valor estratégico da luta pela liberdade da palavra, como uma utopia que se concretiza em ações efetivas nos espaços educativos”.

A educomunicação segue os princípios do filósofo Paulo Freire e busca a tal libertação por meio da troca de experiências, pois, para o autor, não há educação sem diálogo. Nesse sentido, “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”, (FREIRE, 1979, p. 69).

Freire (1971) ressalta que o diálogo e a problematização não adormecem ninguém, mas conscientizam. Soares (2014) diz que a educomunicação é percebida como uma unidade conceitual mobilizadora e possui como valores: o trabalho em equipe, respeitando as diferenças; valorização dos erros como parte do processo de aprendizagem; amparos a projetos dirigidos à transformação social e gestão participativa do processo de intervenção comunicativa.

Pode-se compreender, assim, que a educação contribui para a comunicação dando meios para que a liberdade de expressão seja alcançada trazendo a cultura e os saberes da comunidade para a valorização da igualdade, promovendo a propagação do discurso democrático. Por outro lado, a comunicação ajuda na educação no desenvolvimento do diálogo para que seja manifestado a criticidade dos indivíduos utilizando os meios comunicacionais como forma de inclusão social dando voz as minorias e reforçando a

---

luta pelo direito a palavra, além de fomentar a ideia de que a educação é um facilitador da transformação social. Conforme Soares:

As práticas educomunicativas favorecem o exercício de relacionamentos igualitários e colaborativos entre todos os membros da comunidade educativa, envolvendo professores e alunos. Isso ocorre, naturalmente, quando os educadores valorizam o trabalho em grupo e não as iniciativas isoladas deste ou daquele pequeno gênio. O grande benefício, no caso, passa a ser de natureza política: os alunos acabam aprendendo que existem outras formas de produzir comunicação, além do modelo clássico, pelo qual o direito de expressão é garantido apenas a indivíduos e grupos privilegiados política ou economicamente. (SOARES, 2014, p.31).

Tendo em vista tais características, percebe-se que a educomunicação está para além do fator de educar por meio da comunicação, o conceito interliga-se diretamente a comunidade, pois, é a partir da cultura, das artes e das múltiplas identidades que a prática interdisciplinar da educomunicação acontece, proporcionando a troca de saberes. Assim, a vida comunitária auxilia diretamente no processo da educomunicação e por isso é importante entendê-la.

Raquel Paiva (2008) explica que a vida comunitária tem três possibilidades: Consanguínea (é a comunidade de família, o primeiro grupo onde somos inseridos e não podemos escolhe-lo); Proximidade (comunidade feita por pessoas que estão próximas no momento que estamos vivendo, como os vizinhos) e por último a Espiritual (nesta já temos poder de escolha e ela se forma pelos interesses comuns das pessoas, aqui é onde estão os amigos e as pessoas que fazem parte da nossa vida por meio da afinidade e se relaciona diretamente com a internet).

Segundo Paiva (2008, p.134) “a comunidade não serve para outra coisa senão reconhecermos a nossa morte, nossa origem”. Tais aspectos fazem parte de uma construção de identidade que na contemporaneidade tem passado por mudanças devido as novas tecnologias e as diversas formas de se relacionar. É dentro desse contexto que a educomunicação surge como uma medida de balancear as novas demandas da comunidade e vem ganhando força devido os avanços tecnológicos desafiarem a educação a encontrar novas formas de educar e aprender.

Nessa perspectiva a educomunicação é introduzida para utilizar-se desses novos aparatos tecnológicos, para viabilizar a educação e propagação da democracia e igualdade em que todos tem direito a educação, a cidadania e a inclusão. Além disso, por meio da

---

prática educacional crianças, jovens e adultos também são instigados a não somente ter olhar crítico com o que está a sua volta como também a se reconhecerem como sujeitos históricos e sociais autocríticos.

Após falar de educação, é interessante dialogarmos com a mídia radical. Para John Downing (2002), a mídia radical engloba as diversas expressões culturais, pois faz parte da cultura popular e da malha social como um todo. Sendo assim, qualquer tipo de manifestação como dança, música, grafites, desenhos são uma forma de comunicação alternativa que vão contra a hegemonia vigente. Ou seja, toda e qualquer forma de expressão social pode ser caracterizado como mídia radical. Downing (2002, p.39) caracteriza mídia radical como “um fenômeno misto, muitas vezes livre e radical em certos aspectos, mas não em outros”.

A mídia radical é aquela feita pelo o povo e para o povo, não é veiculada em jornais massivos e de renome, é a mídia que vemos nas ruas, muros, rádios comunitárias, em vídeos produzidos pelo a população na internet. É tudo aquilo que se torna alternativas as grandes mídias e que pretende impactar a sociedade, trazer questionamentos sociais, liberdade de expressão, luta pelas minorias e política. Segundo Downing:

A mídia radical tem a missão não apenas de fornecer ao público os fatos que lhe são negados, mas também pesquisar novas formas de desenvolver uma perspectiva de questionamento do processo hegemônico e fortalecer o sentimento de confiança do público em seu poder de engendrar mudanças construtivas. (DOWNING, 2002, p.50).

Dessa forma, a mídia radical dá voz aqueles que não se sentem representados pela mídia tradicional e ajuda a quebrar o silêncio e refutar a manipulação dos meios. Ela pode ser encontrada em diferentes formatos de manifestação criando uma aproximação com a comunidade e a envolvendo no processo de produção de conteúdos midiáticos tornando a prática comunicativa democrática, mais fácil de ser desenvolvida em vista de um carácter de protesto e luta pelos direitos e da percepção de si e do ambiente em que se vive.

## **Análise**

Tendo como base o referencial teórico apresentado, entendemos que o Programa Interdisciplinar de Extensão Universitária Bons Vizinhos apresenta características da

---

educomunicação e da mídia radical, devido sua interdisciplinaridade que utiliza técnicas comunicacionais e tecnológicas juntamente com a comunidade para promover autonomia, troca de conhecimentos e auxiliar no desenvolvimento territorial como agente transformador.

O objeto de análise do trabalho é uma das ações realizadas pelo o eixo criança e adolescente da extensão. A atividade Varal do Sonhos foi realizada na comunidade e fez parte de outra mobilização: o espaço conviva. Tal movimento consistia em uma construção de um espaço de sociabilidade. A montagem de bancos e mesas em pallet formaram uma pracinha para que os moradores pudessem ter uma área de lazer e interação. O Conviva também foi criado pensando em suprir a necessidade do Bons Vizinhos em ter um ambiente sustentável para que as atividades fossem realizadas.

Considerando as questões da educomunicação, o Conviva pode ser visto com um local criado para troca de experiências e realização de atividades interdisciplinares e educativas para crianças e adolescentes. Portanto, ele caracteriza-se como uma espécie de sala de aula, mas uma sala de aula diferenciada. Seguindo a linha de Paulo Freire, entendemos que com o novo espaço, a recepção qualificada foi quebrada, ou seja, a hierarquia de uma sala tradicional não existe e os processos educacionais passam a ser formulados em grupo com trocas de saberes de todos os lados.

Esse aspecto, articula-se a ideia de Soares (2011) em que aponta para a reinvenção das formas de educar, pois dentro do ambiente em questão, a educação é transformada em um contexto interdisciplinar e utiliza os meios comunicacionais e tecnológicos como a internet, câmeras fotográficas, caixas de som e matérias didáticos para promover também a reflexão crítica sobre o meio e formar sujeitos capazes de articular e interferir na realidade social, criando a “*práxis social*”. Então, não é o educador somente que mobiliza, mas a própria comunidade que demanda e realiza em conjunto.

Foi com esse pensamento que o Varal do Sonhos foi constituído para agregar mais autonomia e reconhecimento identitário, durante a construção do Conviva, com objetivo de instigar as crianças a desenvolverem um olhar crítico sobre o ambiente a sua volta e auxiliar no autoconhecimento.

No dia da atividade Varal dos Sonhos estava sendo construído o espaço Conviva, então os dois movimentos foram realizados simultaneamente. A divisão foi da seguinte forma: primeiro extensionistas e adolescentes montaram o espaço; depois os participantes fizeram a decoração dos móveis com tinta *spray* e moldes para pintar e desenhar; por

---

último, enquanto as crianças e adolescentes pintavam os pallets, os mediadores reuniram um grupo de crianças para realizarem o Varal dos Sonhos para compor o ambiente.

Tal divisão se interliga diretamente com os conceitos de educomunicação, pois a partir do momento em que se reúne um grupo de pessoas de diversas idades está sendo exercido a igualdade, o direito de todos a se expressarem e terem o livre acesso não somente a educação diferenciada, mas a cidadania, pois todos puderam, de alguma forma, se expressarem dentro daquele espaço que proporcionou que modificassem um lugar que não tinha utilidade em um ambiente de sociabilização.

No momento em que todos, extensionistas e crianças, estavam reunidos fazendo as atividades os valores educacionais foram fomentados com o trabalho em equipe e o respeito às diferenças. Na realização, todos se ajudaram sem se importarem com os erros ou faixa etária. Foi percebido que o diálogo entre os participantes era mútuo tornando o processo de aprendizagem mais ágil e assim todos puderam se expressar e deixar sua marca no local, formando aqui o que Soares (2014) chama de “unidade conceitual mobilizadora”.

Na construção do Varal do Sonhos participaram aproximadamente quinze crianças. Estas foram posicionadas em círculo, em volta de uma mesinha de *pallet*, e em um batente ao redor do Conviva. O exercício de colocar as crianças em grupos e em círculo ressalta a postura dialética diferenciada, pois tal forma de posicioná-las garantiu que todos pudessem olhar entre si da mesma forma e perceber que todos estão em um mesmo nível de igualdade de direitos, facilitando o diálogo e estreitando as relações entre os participantes. Foi com essa forma de inclusão social que os extensionistas/mediadores começaram a explicar o que seria feito. Nesse momento, foi discutido: o que era a comunidade e perguntado o que cada um gostava no Gengibre; quais sonhos eles tinham para o meio onde vivem; o que estavam achando da construção do Conviva; o que iriam fazer no ambiente depois de pronto; e principalmente o que cada sonhava. Também foi deixado claro que o espaço que estava sendo feito era da comunidade e que todos poderiam se divertir e se apropriar daquele ambiente que estava sendo construído por eles e para eles.

Durante conversa, foi percebido que as crianças conseguiram se concentrar melhor durante a apresentação da proposta e discussão sobre os sonhos e comunidade, pois a comunicação com os envolvidos foi mais simples e portanto a mensagem foi



---

passada sem ruídos, corroborando com o que Paulo Freire (1979) diz quando afirma que a educação é comunicação e também diálogo.

Além disso, as crianças também expressaram seus pensamentos livremente, não se sentiram tímidos para falarem, pois todos estavam conversando de igual para igual. Com as perguntas apresentadas acima, conseguimos instigar a participação dos envolvidos que responderam cada questionamento e interviram problematizando a respeito da comunidade, juntamente com os mediadores, além de entenderem a importância do espaço Conviva para aquele ambiente. Tal resultado certifica também o que Freire (1971) ressalta quando afirma que o diálogo e a problematização não adormecem as pessoas, mas conscientizam. Após o debate, os extensionistas distribuíram papeis e lápis de cor para todos e foi explicado novamente o que cada um teria que fazer com o material. Com isso, os integrantes dobraram a folha ao meio e formaram uma espécie de livreto em que desenharam na parte da frente seus sonhos e o que desejavam para o Gengibre.

Novamente foi impulsionado a livre expressão, tanto os educandos (crianças) quanto educadores (extensionistas) puderam exercer o que Soares (2014) chama de luta pela liberdade da palavra por meio da criatividade. Em diálogo, partimos também do pressuposto de Almeida (1995, p.41) que diz que “a educação lúdica contribui na formação da criança e que sua prática promove uma interação social e um compromisso de transformação do meio”. Já que, na medida em que os envolvidos trabalhavam em seus desenhos estavam interagindo com os demais, compartilhando os materiais e colocando no papel seus anseios e formas de se ver, ver o outro e ver o ambiente.

É possível perceber que a prática do desenho, e a escrita, impactou os participantes. Portanto, analisamos esse ponto por dois vieses que se interligam: construção/percepção da identidade coletiva e da identidade individual. A formação da identidade coletiva se deu no primeiro passo a ser trabalhado com as crianças que foi o de pertencimento da comunidade, no começo da atividade, quando os educandos participaram do diálogo sobre a vida na comunidade e importância do espaço Conviva. Nesse ponto, a identidade coletiva foi desenvolvida na medida em que as crianças contavam suas vivências e desejos para o ambiente, para a comunidade. No momento, elas começaram a refletir sobre o meio em que vivem e, quando falavam as características do local criavam/percebiam subjetivamente uma identidade coletiva.

Tal fato permitiu uma ideia de pertencimento ao perceberem aspectos próprios da comunidade ao falarem que o que gostavam na região era, por exemplo, tomar banho na

lagoa do Gengibre quando ela está cheia ou jogar bola com os amigos, também dentro da lagoa, quando está seca. A lagoa dá nome à comunidade. A lagoa é a identidade da comunidade, se cheia ou seca. Essas falas são características próprias da comunidade em questão, em que de fato, todas as transformações, boas ou ruins, na maioria das vezes, ocorrem na lagoa ou em seu entorno.

A lagoa de nomear a comunidade, divide o espaço. Ela é ponto de diversão. É lá onde se localizam: bares, igreja, mercadinhos, associações e, agora, o Conviva. A escolha e o reconhecimento desse polo de sociabilidade pelas crianças trazem a reflexão de que elas reconhecem o espaço, se apropriam dele e sabem que o local é fonte potencializadora de construções sociais. A lagoa é muito referenciada nas falas por compor vivências, pertencimento, identidade de quem convive ali diariamente.

Esse fenômeno é explicado por Raquel Paiva (2008) quando diz que a comunidade serve para reconhecer a morte e a origem. Portanto, durante o debate com as crianças elas reconheceram os traços comunitários pelo convívio e reconheceram sua existência pelas histórias dos outros, como também detalha Paiva (2008). O olhar para a vida do outro propiciou que juntos pudessem constituir uma identidade coletiva da comunidade a partir da relação entre coletivo e individual. As vivências individuais foram compartilhadas por meio do diálogo que proporcionou criticidade e reflexão sobre si.

Vejamos as imagens a seguir produzidas no dia da atividade:



Figura 1: Crianças desenhando para o Varal dos Sonhos



Figura 2: Desenho de uma das crianças

Para compreender os desenhos das crianças, é preciso entender que de acordo com Santaella (2005) músicas, poemas, textos, filmes, formas e desenhos são linguagens que possuem significados e fazem parte de um processo de interpretação, pois é aquilo ou qualquer coisa que aparece à percepção e à mente. Peirce (1977) complementa que “sempre que pensamos, temos presente na consciência algum sentimento, imagem,

---

concepção ou outra representação que serve como signo”. Portanto, como propõe Santaella (2005) os signos representam algo do mundo visível e manifesta uma mensagem.

Assim, ao olhar os desenhos produzidos pelos participantes notamos que a identidade coletiva não foi definida somente durante o diálogo, mas também foi representada nos desenhos por fazer parte de vivências compartilhadas, como mostra a primeira figura, em que a maioria das produções dispostas na mesa não representam apenas os sonhos das crianças, mas a representação de um conjunto de pessoas dando ideia de coletivo.

Tal análise mostra que o que foi discutido antes da ação do desenho teve um impacto na mente dos indivíduos que depois de receberem a mensagem por meio do diálogo representaram o que foi discutido nos seus próprios desenhos por meio de suas percepções individuais. Nota-se a identidade construída coletivamente quando analisamos que os desenhos possuem traços específicos da comunidade com a lagoa desenhada de azul no desenho a esquerda da imagem e crianças brincando em uma espécie de parquinho dentro do “Conviva”, que a participante do lado direito da figura desenhou, como se fosse o desejo de ter um parque dentro do Conviva.

Depois de perceber o processo de identidade coletiva, compreende-se que um outro tipo de identidade foi trabalhada conjuntamente: a individual. A conclusão do aspecto deu-se especificamente durante a realização da atividade. Enquanto as crianças desenhavam, os extensionistas observavam como cada um se manifestava, perguntando-lhes o motivo de seus sonhos, ou o que os rabiscos representavam. Nesse momento, os mediadores conseguiram ver que as crianças desenharam profissões, como representado na segunda imagem, em que uma menina desenhou que o sonho era ser cantora. Outros desenhos como esse foram produzidos: ser jogador de futebol; médico; modelo; policial; viajar; ganhar um celular; etc.

Na imagem dois, fica claro que a menina que desenhou já sabia o que queria, entendia o que gostava de fazer e a profissão que admirava. Percebe-se aqui que para que a criança possuía um autoconhecimento sobre seus desejos. A partir dessa reflexão, surgiu a construção do desenho que quando passado para o papel, por meio dos símbolos transmitiu uma mensagem objetiva do seu sonho, expressou também um empoderamento ao idealizar ser cantora. O canto, a arte, como um projeto de vida de uma menina da periferia.

Porém, apesar da maioria já saber o que queriam, os mediadores se depararam com o desafio de auxiliar uma parte dos envolvidos a desenvolverem um desejo ou um sonho, pois alguns chegaram a dizer que não tinham sonhos. Com esse questionamento compreendeu-se que a atividade proposta ia além do fator “desejar algo”, ela exigia que os participantes tivessem um autoconhecimento, uma criticidade de si e uma percepção das dificuldades da realidade econômica e social do espaço em que vivem.

A partir do momento em que as crianças começaram a imaginar seus desenhos, automaticamente elas eram instigadas a pensarem não somente sobre o meio a sua volta, mas principalmente a olharem para si para que então pudessem descobrir o que realmente queriam ser no futuro. Ou seja, o processo pode ser definido com uma busca pela construção de uma identidade individual para definir suas características e desejos pessoais como um ser existente em uma identidade coletiva. Percebemos que foi necessário lançar as perguntas “quem sou eu?” e “o que eu quero?”. Seguindo, portanto, a ideologia socrática que pauta que os sujeitos devem primeiro se autoconhecerem para entenderem a real essência das coisas.

Os extensionistas auxiliaram aqueles que não tinham sonhos a se descobrirem e a pensarem: quem eles eram; o que gostavam; e o que os chamava atenção. Assim, foi sendo tecido um diálogo livre para que a ideia de identidade emergisse. Como aponta Postic (1993, p 19) “imaginar não é só pensar, não significa apenas relacionar fatos, e analisar situações (...) Imaginar é penetrar, explorar fatos dos quais se retira uma visão”.

Depois de produzidos, os desenhos foram expostos ao redor do Conviva, como mostra a figura a seguir:



Figura 3: Desenhos produzidos expostos em uma espécie de varal no espaço Conviva

---

Os desenhos foram pendurados em um barbante formando um varal dos Sonhos, que dá nome à ação. Como já foi discutido anteriormente, desenhos são formados por símbolos, que por sua vez transmitem uma mensagem. Portanto, as produções das crianças, a forma como foram criadas, a escolha na ordem pelas quais foram expostas, podem ser definidas como um tipo de mídia comunicacional: uma mídia radical.

A figura três representa essa ideia, pois mostra o Varal dos Sonhos ao redor da pracinha e os desenhos como uma livre expressão das crianças que depositaram no papel seus sonhos e desejos para o Gengibre. A partir do momento em que sonhos foram expostos, criou-se uma rede de conhecimento em que todos puderam ler e ver as produções e assim analisarem e trocaram conhecimentos por meio da comunicação transmitida nas manifestações de sentimentos dos participantes.

Esse fator evidencia o carácter democrático e fomenta que todos podem ter voz, ideias compartilhadas, mesmo se tratando de crianças. Percebe-se que a voz de um grupo foi ampliada proporcionando a aproximação das crianças para com a comunidade e a comunidade para com as reivindicações e sonhos das crianças. Nesse contexto, o Varal deixa de ser apenas uma exposição de desenhos e torna-se uma intervenção social que contribuiu para a mobilização, inclusão, exercício de cidadania e mudança do meio, aliada à atividade educacional.

Tendo como base tais características pode-se afirmar que o Varal é um tipo de mídia radical por ser também uma manifestação da cultura popular e expressão social livre, produzida pela comunidade e para a comunidade, de forma igualitária. Desenvolveu a criticidade e o autoconhecimento, sem deixar de ser também uma forma de perceber os direitos fundamentais das crianças, representados nos desenhos por meio do: lazer, família, educação e moradia.

### **Considerações finais**

Conclui-se que o presente artigo proporcionou um apanhado de diversos autores para entender como a ação “Varal dos Sonhos” realizada na comunidade do Gengibre pelo o Programa Interdisciplinar de Extensão Universitária Bons Vizinhos se encaixava como uma atividade educacional e ainda fomentou um momento de construção/percepção da identidade, que ao fim se caracterizou com uma mídia radical.

---

A ação foi uma atividade mobilizadora que trouxe questionamentos sobre o convívio dentro da comunidade e sobre as características individuais, auxiliando na coparticipação dos sujeitos para discutirem e entenderem o que faltava ou não na comunidade e em suas vidas. O debate promoveu além da criticidade, o empoderamento e sentimento de pertença para com a comunidade e o espaço Conviva engendrando o desejo de transformação social e reconhecimento de que podem alcançar seus objetivos e se tornarem agente transformadores do meio.

Poder-se-ia compreender que a educomunicação faz parte do Bons Vizinhos e que a ação foi pautada com base no diálogo e na inclusão social. A atividade promoveu pertencimento, cidadania e luta pela liberdade da palavra, pois todos estavam reunidos e tendo o livre acesso de se expressarem. Durante o diálogo foi percebido a construção de uma identidade coletiva que se consolidou pela troca de experiência, de vivências compartilhadas, que teve como característica identitária a lagoa do Gengibre, vista como polo de sociabilização. A identidade coletiva também gerida pelo reconhecimento da existência em comunidade pelas falas do outro e tal reconhecimento e crítica da comunidade refletiu também nos desenhos das crianças que representaram seu convívio e os desejos de melhorias para a comunidade.

A identidade individual também foi um ponto fundamental na ação que devido as técnicas educacionais se concretizou especificamente no momento de realização dos desenhos onde dois polos de saberes entram em conflito. De um lado algumas crianças já conseguiam desenvolver uma autocrítica e descobrir seus anseios e do outro, alguns participantes alegaram não terem sonhos. Essa realidade impactou todos os envolvidos, pois passou a compreender que a ação ia mais além do que o desejar algo, mas se autoconhecer para então entender o que de fato almejar. Assim, o Varal dos Sonhos, além de ter se encaixado como uma prática educacional, promoveu a construção de identidade e criou um novo tipo de mídia comunicacional, definindo-se, portanto, como uma mobilização social que refletiu a realidade comunitária na construção de sonhos.

## **Referências**

ALMEIDA, Paulo. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. São Paulo: Loyola, 1995.

DOWNING, J. D. H. **Mídia Radical - Rebeldia nas Comunicações e Movimentos Sociais**. Tradução de Silvana Vieira, São Paulo: Senac, 2002.

---

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Tradução Rosisca Darcy de Oliveira. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. **Extensão ou comunicação?** 3ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade.** 23. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. NOGUEIRA, A. **Que fazer:** teoria e prática em educação popular. Petrópolis, 1993.

PAIVA, Raquel. **Para reinterpretar a comunicação comunitária.** In: PAIVA, Raquel (org.). O retorno da comunidade: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008. p. 133-148.

PEIRCE, C. S. **Semiótica.** São Paulo: Perspectiva, 1977.

POSTIC, Marcel. **O imaginário na relação pedagógica.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ROBINSON, Dave. **Entendendo:** Ética. São Paulo: LeYa, 2013.

SANTAELLA, L. **Matrizes da linguagem e pensamento:** sonora, visual, verbal. 3. ed. São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 2005a.

SOARES, Ismar de O. **Caminhos da educomunicação:** utopias, confrontações, reconhecimentos. In: APARICI, Roberto. Educomunicação: para além do 2.0. São Paulo: Paulinas, 2014.

\_\_\_\_\_. **Comunicação/educação:** a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. In: Contato: Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação. Brasília, Ano 1, jan./mar. 1999.

\_\_\_\_\_. **Educomunicação:** o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo, Paulinas, 2011.

\_\_\_\_\_. **Gestão comunicativa e educação:** caminhos da educomunicação. In Revista Comunicação & Educação, nº 21, 2002.

VOLPI, Mário, PALAZZO, Ludmila. **Mudando sua escola, mudando sua comunidade, melhorando o mundo!** Sistematização de experiência em educomunicação. Brasília, UNICEF, 2010.